



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ALTAMIRA/POLO URUARÁ
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

EDILEUSA DA SILVA SOUSA

**POR ESCOLAS RIBEIRINHAS QUE VALORIZEM OS SABERES E O
PROTAGONISMO DAS MULHERES PESCADORAS NA RDS VITÓRIA DE
SOUZEL, SENADOR JOSÉ PORFÍRIO, PARÁ**

Altamira - PA

Agosto, 2023

EDILEUSA DA SILVA SOUSA

**POR ESCOLAS RIBEIRINHAS QUE VALORIZEM OS SABERES E O
PROTAGONISMO DAS MULHERES PESCADORAS NA RDS VITÓRIA DE
SOUZEL, SENADOR JOSÉ PORFÍRIO, PARÁ**

Trabalho apresentado como exigência para obtenção de conceito parcial no Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, sob a orientação do Professora Dra. Carla Giovana Souza Rocha.

Altamira - PA

Agosto, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S725e Sousa, Edileusa da Silva.
Por escolas ribeirinhas que valorizem os saberes e o
protagonismo das mulheres pescadoras na RDS Vitória de Souzel,
Senador José Porfírio, Pará / Edileusa da Silva Sousa. — 2023.
17 f.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Carla Giovana Souza Rocha
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Etnodiversidade, Altamira, 2023.

1. Reserva de Desenvolvimento Sustentável. 2.
Etnoconhecimentos. 3. Amazônia. I. Título.

CDD 370

EDILEUSA DA SILVA SOUSA

**POR ESCOLAS RIBEIRINHAS QUE VALORIZEM OS SABERES E O
PROTAGONISMO DAS MULHERES PESCADORAS NA RDS VITÓRIA DE
SOUZEL, SENADOR JOSÉ PORFÍRIO, PARÁ**

Trabalho apresentado como exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Educação do Campo, ênfase em Ciências da
Natureza da Universidade Federal do
Pará/Campus de Altamira.

Data de aprovação: 04/08/2023

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carla Giovana Souza Rocha (orientadora)

Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Aparecida de Lourdes Pedroso de Andrade (examinadora)

Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Mario José Hennen (examinador)

Universidade Federal do Pará

Resumo

O objetivo é refletir como os saberes da pesca e das pescadoras tradicionais podem ser abordadas nas escolas ribeirinhas, visando a problematização da realidade socioambiental e a relação com os modos de vida da população da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Vitória de Souza, de Senador José Porfírio, Pará. A metodologia foi de cunho qualitativo, fundamentada em dados gerados por meio de entrevista semiestruturada a quatro pescadoras artesanais. Os dados apontam que as mulheres pescadoras possuem saberes sobre a atividade de pesca acumuladas por meio de experiências vividas no cotidiano, além de representarem maneiras de se relacionar e de interpretar a natureza, compreendido pela observação e pelos ensinamentos de gerações mais experientes. Sentem a necessidade também da valorização da atividade de pesca artesanal no ambiente escolar onde seus filhos estudam.

Palavras-chave: Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Etnoconhecimentos. Amazônia.

Abstract

The aim was to reflect on how the knowledge of fishing and traditional fisherwomen can be approached in riverside schools, with a view to problematizing the socio-environmental reality and the relationship with the ways of life of the population of the Vitória de Souza Sustainable Development Reserve, in Senador José Porfírio, Pará. The methodology was qualitative, based on data generated through semi-structured interviews with four artisanal fisherwomen. The data shows that women fishermen have knowledge about fishing that they have accumulated through their daily experiences, as well as representing ways of relating to and interpreting nature, understood through observation and the teachings of more experienced generations. They also feel the need for artisanal fishing to be valued in the school environment where their children study.

Keywords: Sustainable Development Reserve. Ethno-knowledge. Amazon.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
METODOLOGIA	7
RESULTADOS E DISCUSSÃO	8
CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	15

INTRODUÇÃO

O município de Senador José Porfírio (Souzel) faz parte da mesorregião do Sudoeste paraense, e está inserido pelo governo estadual na Região de Integração do Xingu. A sede do município está localizada as margens direita do rio Xingu, entre os igarapés Croatá e Maxiaca. O município é um dos dois municípios do Brasil a possuir exclaves, ou seja, possui dois territórios totalmente separados, onde o acesso para se chegar ao polo II ocorre pelos municípios de Vitória do Xingu e Altamira (IBGE, 2010).

O município de Souzel é composto por um exuberante mosaico de ilhas, praias e vegetações naturais, que abriga em suas ilhas os tabuleiros do Embaúbal e Juncal, que são considerados os locais aonde ocorrem a maior postura de ovos de quelônios da América do Sul, que formam um dos arquipélagos do rio Xingu (PARÁ, 2013, p.35).

O terceiro Tempo Comunidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo da turma de Ciências da Natureza do polo de Senador José Porfírio, tinha o objetivo de pesquisar sobre o ensino de Ciências nas escolas do campo, e ao estudarmos escolas em uma vila de pescadores, nos deparamos com professores, que apesar de conhecerem o modo de vida da comunidade, não desenvolviam nenhum conteúdo ou projeto que fizesse referência a essa realidade social e nem envolviam a comunidade no ambiente escolar (SOUSA, 2016).

A partir também da minha trajetória de vida como pescadora e representante dessa categoria, e no decorrer dos Tempos Comunidades e de um estágio supervisionado da graduação realizado na escola Sol Elarrat Canto, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Vitória de Souzel, despertou-me o interesse de me aprofundar em registrar a importância do modo de vida dos pescadores artesanais, por perceber que não havia materiais didáticos que possibilitassem a continuação dos seus saberes/práticas e valores, na perspectiva de contribuir para o ensino de ciências, principalmente os saberes e práticas das mulheres pescadoras artesanais da unidade de conservação, que normalmente não tem seu protagonismo reconhecido. Diante do exposto e das experiências vivenciadas no decorrer da minha vida, e ainda mais ao longo da minha trajetória acadêmica, só me fez perceber esse distanciamento da linguagem dos povos tradicionais com a linguagem formal acadêmica.

Entende-se por povos ou comunidades tradicionais, alguns grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, com formas peculiares de organização social, que ocupam e usam o território e recursos naturais como condição para sua reprodução

cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, visando conhecimentos transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007). Neste caso, as mulheres pescadoras artesanais e seus familiares são reconhecidos como populações tradicionais.

A lei 11.959 de 26 de junho de 2009 considera a pesca artesanal “quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte” (BRASIL, 2009).

A partir do exposto, chega-se assim ao problema de pesquisa: de que forma os saberes e práticas tradicionais das pescadoras artesanais da unidade de conservação Vitória de Souza podem ser abordadas nas escolas ribeirinhas?

Desta forma o objetivo geral é refletir como os saberes das pescadoras tradicionais podem ser abordadas nas escolas ribeirinhas no município de Senador José Porfírio. Os objetivos específicos são: descrever saberes e práticas ligadas à pesca e apresentar propostas pedagógicas de incorporação dos saberes das pescadoras e o reconhecimento do protagonismo feminino no ambiente escolar da comunidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa aconteceu no município de Senador José Porfírio, na área de várzea, na localidade Pirarucuquara, dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Vitória de Souza, com as mulheres pescadoras artesanais.

A metodologia foi de cunho qualitativo (SCHWANDT, 2006), fundamentada em dados gerados por meio de entrevista semiestruturada a quatro pescadoras, seguindo um roteiro, onde as respostas eram anotadas no ato da entrevista para melhor fidelidade das informações e para a segurança do entrevistado.

A seleção das entrevistadas se deu de forma aleatória, na tentativa de abranger maior diversidade, e se percebeu que mesmo morando na mesma localidade, cada uma tem uma forma de desenvolver o seu trabalho na pesca. Para preservar a identidade das pescadoras, as mesmas serão denominadas de pescadora A, B, C e D.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres entrevistadas tinham entre 35 a 62 anos, umas moravam em área somente de várzea e outras que contemplavam os ambientes de terra firme e várzea, as mesmas tinham de cinco a trinta anos que moram na localidade

A pescadora A tem 62 anos e exerce a pesca como atividade desde os 30 anos. Ela costuma pescar sozinha e às vezes com o neto, os outros membros da família não acompanha ela, pois, desenvolvem outras atividades. Segundo ela, o esposo não gosta de pescar, assim, ela que captura, cuida e comercializa sua produção. Para capturar, usa linha de mão e caniço, não gosta de pescar com malhadeiras. Relata também que todos os seus utensílios são comprados. A família também tem criação de gado bubalino, criação de porcos e faz queijo.

Já a pescadora B é uma pescadora nata. Desde muito cedo começou a pescar com os pais e conseqüentemente casou-se com um pescador, onde os dois pescam em parceria, envolvendo os filhos nesse contexto, pescando em regime de economia familiar. É importante ressaltar que os materiais utilizados por eles são utensílios diferentes das demais entrevistadas, já que costumam pescar somente no verão para comercialização e no inverno pescam apenas para subsistência, pois, nesse período acontece o período do defeso, onde algumas espécies são proibidas por lei. E por se tratar de uma unidade de conservação para proteção da fauna, a área fica interdita para pesca comercial de primeiro de agosto até dezembro, pois nesse período se inicia a desova das tartarugas. Essa família utiliza a tiradeira para capturar os peixes maiores (filhote e dourada) e ao deixar seu material na espera dos peixes, as tartarugas acabam sendo fisgadas, devido essas situações eles não pescam durante a desova das tartarugas com esse utensílio de pesca, então preferem pescar somente para o consumo, utilizando materiais mais simples para capturar peixes de pouca comercialização, tais como pescada e caras. A mesma também tem criação de búfalos, faz queijo, cria porcos, cultiva mandioca e melancia, e faz crochê.

A pescadora C é a mais jovem das entrevistadas, mas com um vasto conhecimento voltado para pesca artesanal. Desde de muito cedo desenvolve a atividade junto a seus familiares. A sua avó, por quem foi criada, era uma pescadora de “de mão-cheia”, e foi relatado que as duas viviam sozinhas na maioria do tempo, pois, seu pai e seu avô quase nem parava em casa, então as duas tinham que buscar o próprio alimento. Ela depois se casou

com um pescador, com quem vive e cria seus filhos, e por sua vez é o seu companheiro de trabalho na pesca e, na sua ausência dele, costuma pescar sozinha, pois seus filhos ainda são crianças. Sua forma de pescar é bem parecida com a da pescadora B, utilizam os mesmos tipos de apetrechos de pesca, respeitam os períodos de reprodução dos quelônios e pesca para comercialização somente no verão, que é o período melhor de pescar, pois é quando os peixes saem dos igapós para os pesqueiros e nesse período a pesca fica liberada, então podem pescar sem medo de ser abordados por agentes fiscalizadores. Já no inverno pescam somente para o consumo. Além da atividade da pesca, essa família possui outras fontes de renda, tais como a criação de búfalo e queijaria, e tem como passatempo a costura.

Mesmo utilizando os mesmos utensílios de pesca, cada uma dentro da sua especificidade tem características próprias de como manusear suas ferramentas de trabalho, sendo as práticas, conhecimentos e habilidades advindas de suas experiências.

A pescadora D é a única pescadora que pesca no inverno e verão, e a mesma vive exclusivamente da atividade pesqueira. É a única que reside em área de várzea, e iniciou sua trajetória pesqueira depois dos vinte anos. A mesma mora na localidade a pouco mais de nove anos, com uma família numerosa. Vive com seus filhos, marido e sobrinhos numa casa das mais simples da comunidade. A mesma pesca com seu esposo e não gosta de pescar à noite, pois tem medo dos fenômenos naturais (ventos fortes e trovões) e de assombrações, pois a mesma explica que já presenciou algo sobrenatural, e depois disso ficou com medo de sair à noite para despescar a rede. É importante ressaltar que por mais numerosa que seja essa família, somente a pescadora D e o esposo pescam, pois, segundo a entrevistada, os seus filhos não gostam de pescar.

Vale ressaltar que a pescadora D respeita o período do defeso e da reprodução das tartarugas, pois, mesmo nesse período, há formas de pescar para comercializar dentro da unidade de conservação, quando a área está seca, possibilitando, assim, a pesca de camarões. Apesar da pesca de camarões ser pouco desenvolvida na comunidade, a mesma é muito rentável para aqueles que o utilizam. Vale lembrar que seus apetrechos de pesca são confeccionados por ela e esposo, e só compram de terceiros a canoa e a catraia. Ramos *et al.* (2016) pontua que os etnoconhecimentos são aqueles que orientam a atividade pesqueira tradicional e vem sendo aplicado em outras atividades econômicas.

Segundo Castro (2000, p. 169) o uso dos etno conhecimentos desenvolvidos por esses povos configura o contexto de um povo com sabedorias próprias, resultante de uma série de relações entre ser humano e natureza.

Suas atividades apresentam-se complexas, pois constituem formas múltiplas de relacionamento com os recursos, e é justamente essa variedade de práticas que assegura a reprodução do grupo, possibilitando também uma construção da cultura integrada à natureza e as formas apropriadas de manejo.

Um conhecimento tradicional aprofundado é mobilizado pelas pescadoras, que aprenderam com parentes, esposos, amigos e a partir de sua própria experiência, ou seja, na prática. Esses conhecimentos vão sendo apropriados pelas gerações ao longo do tempo que se entrelaçam nas formas de usos de determinada coisa, de descobrimentos, crenças, aperfeiçoamentos de técnicas entre outros. Conforme Furtado (1993, p. 199),

A transmissão dos conhecimentos das populações locais, como no caso das comunidades de pescadores ribeirinhos da Amazônia, realiza-se pela continuidade destas práticas, através de uma convivência em grupo, ou dos registros mentais que são perpassados de pai para filho, onde, neste caso, o mais velho possui um papel relevante para essa transmissão, configurando-se como uma espécie de escola informal onde se transmite uma verdadeira ciência do concreto.

Todo esse amplo conhecimento demonstra a riqueza cultural desses povos, bem como a facilidade de adaptação ao meio em que vivem, e esta relação de interdependência com a natureza torna clara a identidade destas populações. Dentre estes conhecimentos temos o entendimento sobre o período de captura, locais de pesca para cada tipo de peixe desejado, uso dos apetrechos e o tipo de pesca a depender da espécie. Todas disseram que conhecem os locais de pesca, chamados de pesqueiros, sejam aqueles próximos de fruteiras ou nos locais mais profundos, denominados de poços. Segundo a pescadora D: “pescador que é pescador conhece todos os pesqueiros onde vive. Conhece por cardume; nos poços, embaixo das fruteiras, nos barrancos”.

Dentre os fenômenos naturais que as mesmas consideraram que interferem na pesca, foram citados: as fases da lua; períodos que baixam o nível da água do rio, e quando tem temporais. É importante frisar que está oscilação do nível do rio (subida e descida), determinam a melhor época para pescar, uma vez que no verão, quando ocorrem o período baixo da água, os peixes se afugentam dos pesqueiros, tornando sua captura mais difícil.

Com a construção da hidrelétrica de Belo Monte, o nível do rio tornou-se um problema, que está relacionado com o represamento e desvio de parte das águas do rio Xingu, ocasionando um prolongamento maior no período da vazante que afeta diretamente a atividade de pesca. As pescadoras explicam também que as noites claras não são boas para a pesca, assim como, quando tem temporal e quando diminui as águas do rio. Diegues (2000, p. 34) salienta que;

O conhecimento tradicional dos ribeirinhos é depositário de informações sobre a dinâmica dos sistemas hídricos que podem ser de extrema relevância para o desenvolvimento do manejo integrado e participativo dos recursos naturais na região Amazônica.

A junção de todo esses conhecimentos tradicional sobre a atividade de pesca, reforçam que as pescadoras entrevistadas detêm práticas e conhecimento sobre os ciclos da natureza, hábitos alimentares, o vento, os peixes, as marés, a lua e que três pescadoras concordaram que o tema pesca deveria ser abordado na escola da comunidade, assim como, ter os conhecimentos dos pescadores e pescadoras serem estudados na escola. Como exposto pela pescadora B: “Sim, porque com isso fica melhor para eles valorizarem nossa atividade na pesca, nossa forma de vida”. A pescadora C reforça preocupada com a saída dos jovens da comunidade: “É sim, que eles já crescem entendendo como é bom viver aqui, e não separar da família”. E a pescadora D: “Eu acho muito bom os professores falarem de como é importante a pesca para nossa vida”. Essa pescadora cita uma atividade na escola sobre o tema da pesca: “Aqui eles sempre trazem trabalhos que fala de pesca. Já fizeram até utensílios de pesca para apresentar em sala de aula”.

Para integração do tema aos conteúdos curriculares e visando a elaboração de projetos didáticos interdisciplinares, apresentamos algumas ideias.

As ações educativas propostas no Quadro 1 são voltadas para valorização da pesca e dos conhecimentos das pescadoras e pescadores de áreas ribeirinhas, e podem ser organizadas como aulas de Ciências ou na forma de projeto didático que envolva toda a comunidade escolar. As aulas de Ciências incluem atividades de pesquisa por meio de entrevistas, escrita de textos, elaboração de roteiros para entrevistas, elaboração de folders/cartilha, confecção de mapas e maquetes. As aulas de Ciências também podem incluir roda de conversas e aulas práticas (quadro 1).

Uma perspectiva de valorização dos conhecimentos tradicionais está nas concepções da Etnociência, entendida por Diegues e Arruda (2001, p.36), como “parte da linguística

para estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural, as taxonomias e as classificações totalizadoras”.

Costa (2010) defende a Etnobiologia e a mobilização didática dos etnoconhecimentos para uma aprendizagem significativa em Ciências, a partir do reconhecimento por parte dos professores e do sistema educacional da importância dessa estratégia pedagógica para desenvolver cognitivamente o estudante, apoiando na realidade do mesmo e para o interesse de construir novos conhecimentos. Além do objetivo de aprendizagem, essa estratégia alimenta a identidade dos sujeitos, e pode contribuir com a proteção dos territórios, da cultura e da sociabilidade coletiva (FERNANDES, 2011).

Para a Etnociência é central conhecer os termos, as práticas e como as populações classificam e se relacionam como os elementos da natureza, a depender de suas concepções, experiências e crenças (GUARIM NETO; CARNIELLO, 2007).

Quadro 1. Propostas para tratar o tema pesca e pescadoras nas aulas de Ciências

Atividade	objetivo	Metodologia
Aula de Ciências – habitat e hábitos alimentares das principais espécies de peixes pescados na localidade	Estudar as principais espécies de peixes e locais de pesca; Valorizar o conhecimento empírico das pescadoras para o processo de ensino aprendizagem dos alunos, no que diz respeito ao lugar de reprodução das espécies, onde são capturados, como se alimentam e os tipos de alimentos.	Organizar uma aula de campo, com entrevistas nas residências das pescadoras; elaborar em sala de aula um roteiro para a entrevista; fazer um mapa ou maquete das localidades pesqueiras e hábitos alimentares das espécies citadas pelas pescadoras.
Aula de Ciências – como as mudanças climáticas, o desmatamento e a hidrelétrica afetam os peixes e a pesca na localidade	Demonstrar as consequências e danos causados ao meio ambiente provocado pelo desmatamento.	-Aula expositiva sobre o meio ambiente e queimadas, estabelecendo suas diferenciações por meio de imagens (de nível local) e explicações; interagir por meio de dinâmicas com os alunos sobre a relação entre a pesca, as mudanças climáticas e as poluições causadas por meios de questões físicas do homem. - Realizar pesquisa de campo diagnosticando a quantidade de áreas desmatadas pela comunidade local desde o início do assentamento até os dias atuais;
Aula de Ciências – um dia de pesca	Sensibilizar os alunos e comunidade a fazerem o uso das técnicas adequadas na utilização dos apetrechos de pesca para que não ocorra a extinção das espécies.	Aula prática através de oficinas relacionando os tipos de apetrechos de pesca (malhadeira, canoa, remo, linha, caniço, matapi e etc.) utilizados pelos ribeirinhos; Elaborar folder ou cartilha a partir dos resultados apresentados.

Os projetos didáticos também são exemplos de ações, e a partir da visão de uma gestão escolar participativa, poderiam envolver a comunidade para planejar e executar os mesmos. Por exemplo, a gincana “O dia da pesca na escola” envolveria toda a escola, a comunidade e professores de várias disciplinas para fazerem jogos, comidas, brincadeiras, etc., que façam alusão à importância da pesca e das pescadoras e pescadores para continuidade da atividade (Quadro 2).

Essas atividades seguem os princípios por uma educação do campo referenciada nos modos de vida das populações do campo (ARROYO, 2011, p. 74) enfatizam que;

[...] a escola, a educação básica tem de se propor tratar o homem, a mulher, a criança, o jovem do campo como sujeitos de direitos. Como sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social. Por isso a escola tem de levar em conta a história de cada educando e das lutas do campo.

Assim, as escolas do campo têm como pressuposto contribuir na formação dos sujeitos para que possam adquirir novos conhecimentos e sejam capazes de transformar a sociedade na qual estão inseridos.

Quadro 2. Propostas para projetos didáticos na escola

Atividade	objetivo	metodologia
Projeto “Roda de conversa sobre o que afeta a pesca e os pescadores (história e atualidade)	Compreender as mudanças nos últimos anos que prejudicaram a pesca nos dias atuais.	Elaborar com os alunos questionários para a entrevista. Apresentar os resultados através de seminários.
Projeto Gincana “O dia da pesca na escola”	Incentivar os alunos a valorizar a cultura local, com gincana promovida pela gestão escolar com a participação da comunidade.	Mobilizar a comunidade escolar para participar e ajudar a promover a gincana (pescarias, confecção de apetrechos, jogos, comidas).
Projeto “História de pescadora – roda de conversa”	Reconhecer o papel da mulher pescadora na atividade e na formação da comunidade	Mobilizar mulheres pescadoras para fazerem suas falas na roda de conversa, trazendo suas histórias, saberes e desafios. elaborar com os alunos perguntas para fazer para as pescadoras; cada estudante fará um texto sobre o que história que mais gostou na roda de conversa.
Narrativas ribeirinhas	Valorizar os mais sábios e sábias da localidade na arte da pesca artesanal, conhecendo suas trajetórias de vida, suas histórias na pesca, a história da comunidade e região.	Entrevistar pescadores e pescadoras, construir textos dessas narrativas e apresentar. Fazer atividade junto com professores de Ciências, História, Geografia, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, constata-se que as entrevistadas além de terem um vasto conhecimento, exercem um papel fundamental na atividade pesqueiras na localidade em que residem.

Os resultados mostraram que as mulheres pescadoras possuem saberes sobre a atividade de pesca acumuladas por experiências vividas no cotidiano, além de representarem maneiras de se relacionar e de interpretar a natureza, compreendido pela observação e pelos ensinamentos de gerações mais experientes. Na qual foram identificados, por meio da arte do pescar, da confecção de utensílios de trabalho (apetrecho), dos costumes imbuídos no território e dos saberes empíricos.

Sentem a necessidade também da valorização da atividade de pesca artesanal no ambiente escolar onde seus filhos estudam, pois, os filhos nunca fizeram ou trouxeram para casa algo relacionado a pesca, e consideram a inserção da vivência dos alunos na escola essencial para que se tenham um aprendizado significativo e que fortalecem os princípios da educação do campo.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, M.G, CALDART, R. S., MOLINA, Mônica. **Por uma educação do campo**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- BRASIL. **DECRETO Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.
- BRASIL. **Lei nº 11.959 de 29 de junho de 2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca.
- CASTRO, Edna. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2000, p 165-182.
- COSTA, R. G. de A. Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa. **Revista Didática Sistêmica**, [S. l.], v. 8, p. 162–172, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1303>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- DIEGUES, A.C. e ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: NUPAUB, 2000. p. 165-182.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagana (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2011. p. 133-145.

FURTADO, L.G. **Os pescadores do Rio Amazonas: Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área Amazônica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1993.

GUARIM NETO, Germano; CARNIELLO, Maria Antônia. Etnoconhecimento e saber local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe Alves; ARAUJO, Thiago Antônio de Sousa (org.). **Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRPE, 2007. 148p.

IBGE. **Senador José Porfírio**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/senador-jose-porfirio/panorama>

PARÁ. **Diagnóstico ambiental, socioeconômico e fundiário para criação de Unidades de Conservação de proteção integral e uso sustentável “Tabuleiro do Embaubal”, município de Senador José Porfírio, Pará**. Belém: Secretaria de Estado de Meio Ambiente - SEMA-PA, 2013. p. 305. 2v.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

RAMOS, Ananda da Silva et al. **Etnoconhecimento de pescadores artesanais de Macrobrachium Rosenberg em campos alagados de uma região Amazônica-Brasil**, v. 4, n. 1, p. 93-105, 2016.

SOUSA, Edileusa da Silva. **Pesquisa de campo do 3º tempo comunidade: a prática docente e a situação de ensino e de aprendizagem na área de ciências da natureza na escola Abel Figueiredo na comunidade Vila Nova – Senador José Porfírio/Pará**. Senador José Porfírio: UFPA-Licenciatura em Educação do Campo, 2016.